

# MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO  
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS MICHELI/EM

## A volta do mensalão

Os últimos dias tiveram um tom de coisa antiga. A decisão do Supremo sobre a denúncia da Procuradoria-Geral da República contra os indiciados no caso do mensalão acabou fazendo com que o assunto voltasse à tona. Foi um clima parecido com os momentos palpantes de 2005, ainda que, agora, desprovido de quase todo o drama.

Ele dormitava meio esquecido pela opinião pública, o que não quer dizer ignorado ou considerado irrelevante. Dos episódios que marcaram nossa história política pós-redemocratização, ele só foi superado pelo impeachment de Fernando Collor, em termos de impacto na vida e na consciência das pessoas. Os acontecimentos de 1992 foram mais intensos e tiveram efeitos mais duradouros, marcando de maneira muito forte o imaginário e o comportamento do eleitorado. Ao longo dos anos seguintes, conforme mostraram inúmeras pesquisas, quase tudo o que o povo falou e pensou sobre política, eleição, governo, foi definido em relação a Collor e seu impeachment.

Pelo lado negativo, aquilo reforçou (ou criou) temas como a decepção com os

políticos, a desconfiança em relação ao sistema de poder, o temor de se arriscar demais na mudança. Pelo lado positivo, fez com que a maioria da opinião pública percebesse que era desejável conhecer melhor os candidatos, ter cautela nas escolhas eleitorais. Quando Collor saiu do governo, o cidadão comum se sentiu forte, capaz de "impichar" quem, de seu ponto de vista, procedesse errado. Depois de quase 30 anos de ditadura, foi uma descoberta. O impeachment amadureceu, a duras penas, o eleitor brasileiro.

O mensalão, em face disso, foi muito menor. Talvez se não

houvesse um antecedente tão grave ele assumiria outra proporção. Nas condições em que ocorreu, seu impacto se reduziu e se limitou no tempo.

Há cerca de um ano, em julho de 2006, quando as primeiras denúncias, iniciadas em maio de 2005, já tinham feito aniversário, fizemos pesquisa sobre o assunto. Naquela altura, 93% dos entrevistados disseram conhecer o mensalão, o que é prova de sua importância. Em uma sociedade em que apenas metade das pessoas procura informação política, a maioria das quais de forma irregular e pouco intensa, esse conhecimento quase universal

diz muito sobre o significado, para as pessoas, do que ocorreu.

Delas, no entanto, apenas um terço, 37%, respondeu que se sentia informada o suficiente para "explicar o que foi (o mensalão) para quem não sabia". Os restantes 63% não chegavam a esse ponto, percebendo-se com informação aquém do necessário. Quase todos disseram que foram principalmente informados do assunto pela televisão, o que não é nada surpreendente, se considerarmos que, além dos noticiários, dos programas jornalísticos, de variedades, até de humor, que deram a ele espaço extraordinário, as CPIs de 2005 foram vedetes de audiência. A respeito delas, perguntamos ao entrevistado se, em 2005, "havia acompanhado, pela televisão, a reunião de alguma Comissão Parlamentar de Inquérito" e com que frequência.

Não menos que 57% da amostra disse que "sempre" ou "algumas vezes", mostrando como aquelas CPIs ultrapassaram, em muito, a barreira dos interessados por política. Entre as pessoas com nível superior de escolaridade, 79% dos entrevistados haviam feito delas programa regular.

O relevante é que apenas 47% dos pesquisados disseram "acreditar nas denúncias contra o governo Lula publicadas pela imprensa". Isso, note-se, não implica dizer que essas pessoas consideravam que ninguém

havia feito nada de errado no episódio. Ao contrário, como também mostraram muitas pesquisas, as culpas de quase todos os citados, hoje réus, sempre foram admitidas.

A volta do mensalão é quase irrelevante para Lula e seu governo. Se antes da eleição de 2006 o sentimento era aquele, depois da vitória ficou ainda menos significativo. Quando pesaram os prós e os contras, quando chegaram à conclusão que valia a pena votar de novo em Lula, mais da metade dos eleitores brasileiros mostrou já ter digerido o mensalão. Para eles, é assunto encerrado, matéria velha.

Para quem nunca gostou de Lula ou para quem se decepcionou com seu primeiro mandato, o mensalão virou uma palavra. É uma palavra forte, que expressa toda a sua rejeição a Lula, até a raiva que alguns sentem dele. Mas é só uma palavra.

Para muitos dos réus de agora, no entanto, que nada fizeram de diferente das normas não escritas de nosso sistema político, o mensalão é um estigma, do qual nunca mais se livrarão. É o caso, por exemplo, do PT.

Para todos (ou quase todos) os outros políticos brasileiros, a decisão do Supremo deve estar sendo festejada. A ficção de um problema circunscrito a alguns permite a todos os demais continuarem a fazer como sempre. Agora, os culpados têm nome. Safam-se os outros. Quem mais está feliz com o desfecho?

“ Para quem nunca gostou de Lula ou para quem se decepcionou com seu primeiro mandato, o mensalão virou uma palavra. É uma palavra forte, que expressa toda a sua rejeição a Lula, até a raiva que alguns sentem dele. Mas é só uma palavra



## CORRUPÇÃO

Nos últimos quatro anos, pelo menos 10 grandes denúncias atingiram políticos das maiores legendas brasileiras. Mas até agora a punição dos envolvidos se limitou a duas cassações

# Muitos partidos denunciados

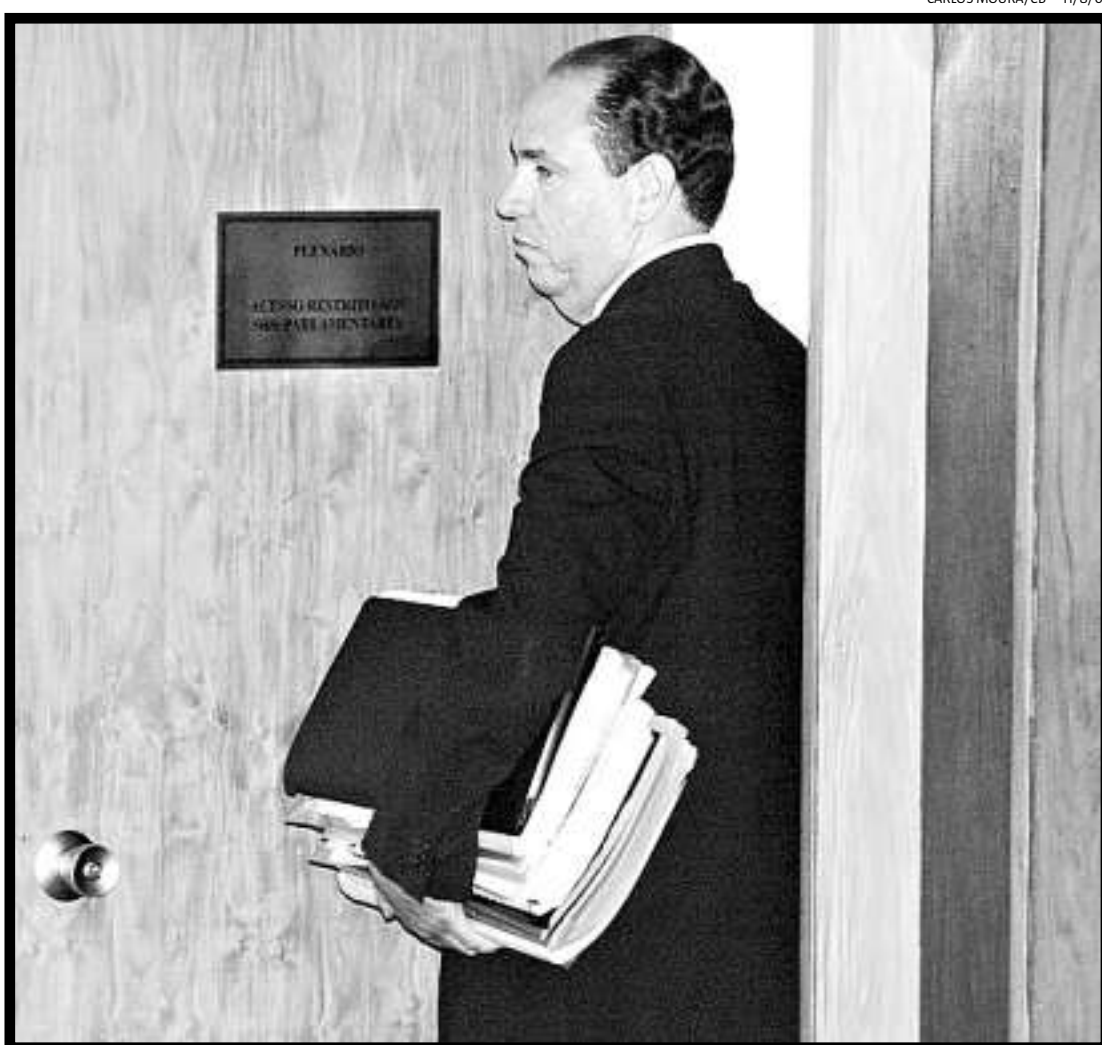
EDSON LUIZ

Brasília – Em 2002, o ex-sub-chefe de Assuntos Legislativos da Casa Civil Waldomiro Diniz foi filmado pedindo propina a um empresário do ramo de jogos, quando ainda era presidente da Loterj, a Loteria do Rio de Janeiro. O vídeo, no entanto, só veio à tona em fevereiro de 2004, quando Diniz ocupava uma posição dentro do Palácio do Planalto. Foi o primeiro escândalo envolvendo um integrante do PT, ligado a José Dirceu, na época chefe do funcionário. Depois disso, outras denúncias foram surgindo, envolvendo não apenas petistas, mas integrantes de outros partidos. Nos últimos quatro anos, pelo menos 10 fatos marcaram a vida política do país, mancharam siglas, mas apenas dois parlamentares tiveram seus mandatos cassados no Congresso Nacional.

Diniz pediu demissão do cargo que ocupava, mas nem isso trouxe tranquilidade a José Dirceu. A Polícia Federal abriu um primeiro inquérito para apurar o envolvimento do ex-funcionário do Palácio do Planalto com o empresário de jogos Carlos Ramos, o Carlinhos Cachoeira, mas não se chegou a nada. Hoje o caso Waldomiro Diniz está ainda nas mãos da Polícia Federal e poucas pessoas se lembram dele, por causa da sucessão de outros escândalos.

O mais duradouro foi o do mensalão, denúncia feita pelo ex-deputado Roberto Jefferson de que parlamentares da Câmara recebiam uma mesada para apoiar o governo. O escândalo, que envolveu principalmente políticos do PT, do então PL e do PTB, teve desdobramentos e chegou ao PSDB.

O mensalão nacional nasceu de outro escândalo, que foi o dos



Waldomiro Diniz, ex-funcionário da Casa Civil, provocou a primeira grande crise do governo Lula

Correios. O ex-chefe de Contratação e Administração da estatal Maurício Marinho foi flagrado recebendo R\$ 3 mil de propina. Na gravação ele falava da ligação com Jefferson, dando início à crise política que derrubou não apenas o ex-parlamentar, mas também José Dirceu. Outros políticos renunciaram, mas voltaram ao Congresso reeleitos, e ninguém foi punido até agora. O Supremo

Tribunal Federal (STF) aceitou a denúncia contra 40 pessoas envolvidas no escândalo, mas o julgamento final pode demorar. O episódio resultou em baixas no PT, com a saída do seu tesoureiro, Delúbio Soares, e do secretário-geral, Sílvio Pereira.

**MENSALINHO** O chamado mensalinho, escândalo que teve grandes proporções e curta duração,

custou o cargo de presidente da Câmara ao ex-deputado Severino Cavalcanti (PP). Ele foi acusado de receber R\$ 10 mil mensalmente do empresário que explorava um restaurante no Congresso. O PMDB, o ex-PL, o ex-PFL, o PSDB e o ex-PP foram os partidos que tiveram parlamentares envolvidos em um dos maiores esquemas de fraudes em licitações para a compra de ambulâncias.

Os parlamentares ficaram conhecidos como sanguessugas, e o caso rendeu 81 denúncias no Ministério Público, sendo 11 de políticos. Com exceção de três ex-deputados presos no início da operação, e que depois foram soltos, ninguém foi punido ainda.

PMDB, PSDB e PT também apareceram na lista dos políticos presos na Operação Navalha, que apurou fraudes em licitações e

desvio de recursos públicos. O ex-deputado distrital Pedro Passos (PMDB), o ex-governador do maranhão José Reinaldo Tavares, os prefeitos de Camaçari (BA), Luiz Caetano (PT), e de Sinop (MT), Nilson Aparecido (PSDB), passaram menos de uma semana detidos pela Polícia Federal. O STF está aguardando denúncia do Ministério Público para analisar o caso.

## CERCO FECHADO

### TRÊS OPERAÇÕES PUSERAM POLÍTICOS, EMPRESÁRIOS E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS ATRÁS DAS GRADES

#### ■ NAVALHA

A Polícia Federal prendeu 48 acusadas de fraudes em licitações públicas. Conforme investigação da PF, o grupo agia por meio da construtora Gautama, de Zuleido Soares Veras. Entre os presos estavam o ex-governador do Maranhão José Reinaldo Tavares e o ex-deputado distrital Pedro Passos (PMDB). O grupo tinha funcionários da empresa, lobistas e políticos.

#### ■ XEQUE-MATE

A PF prendeu 77 pessoas envolvidas com a máfia dos caça-níqueis. Entre eles, Dário Morelli, compadre do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O esquema era supostamente comandado por Nilton César Servo, que importava máquinas irregularmente e subornava policiais para que eles entrassem no país. Escutas telefônicas mostraram que Servo chegou a dar dinheiro para Genival Inácio da Silva, o Vavá, irmão de Lula. No entanto, não ficou comprovada a participação de Vavá no esquema.

#### ■ AQUARELA

A operação desencadeada pela Polícia Civil, Ministério Público e Receita do Distrito Federal prendeu 19 pessoas acusadas de fraudes contra o Banco de Brasília (BRB). O esquema tinha a participação de instituições financeiras, empresas e organizações não-governamentais. Um dos presos foi Tarciso Franklin de Moura, ex-presidente do BRB.